

Esta história é trazida a você por [Ririro.com/pt](http://Ririro.com/pt) gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



# Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

# O Maravilhoso Mágico de Oz: O conselho com os Munchkins (2/24)

Ela foi despertada por um choque, tão súbito e forte que se Dorothy não estivesse deitada na cama macia, poderia ter se machucado. Como estava, o impacto fez com que ela perdesse o fôlego e se perguntasse o que havia acontecido; e Totó colocou seu narizinho frio em seu rosto e choramingou tristemente. Dorothy se sentou e notou que a casa não estava se movendo; nem estava escuro, pois a luz do sol entrava pela janela, inundando o pequeno quarto. Ela pulou da cama e, com Totó em seus calcanhares, correu e abriu a porta.

A menina soltou um grito de espanto e olhou ao seu redor, seus olhos ficando cada vez maiores com as maravilhosas visões que via.

O ciclone havia pousado a casa muito suavemente – para um ciclone – no meio de um país de beleza maravilhosa. Havia adoráveis manchas de grama por toda parte, com árvores majestosas carregadas de frutas ricas e suculentas. Canteiros de flores deslumbrantes estavam por todos os lados, e pássaros com plumagens raras e brilhantes cantavam e esvoaçavam nas árvores e arbustos. Um pouco adiante havia um pequeno riacho, correndo e cintilando entre margens verdes, e

murmurando com uma voz muito agradável para uma menina que havia vivido por tanto tempo nas pradarias secas e cinzentas.

Enquanto ela estava olhando ansiosamente para as visões estranhas e belas, notou que um grupo das pessoas mais estranhas que ela já havia visto se aproximava dela. Eles não eram tão grandes quanto os adultos com os quais ela sempre esteve acostumada; mas também não eram muito pequenos. Na verdade, pareciam ter quase a mesma altura que Dorothy, que era uma criança bem desenvolvida para sua idade, embora eles fossem, no que diz respeito à aparência, muitos anos mais velhos.

Três eram homens e uma era mulher, e todos estavam vestidos de forma peculiar. Usavam chapéus redondos que se elevavam a uma pequena ponta a um pé acima de suas cabeças, com pequenos sinos ao redor das abas que tilintavam docemente conforme se moviam. Os chapéus dos homens eram azuis; o chapéu da pequena mulher era branco, e ela usava um vestido branco que caía em pregas dos seus ombros. Sobre ele estavam salpicadas pequenas estrelas que brilhavam ao sol como diamantes. Os homens estavam vestidos de azul, do mesmo tom que seus chapéus, e usavam botas bem polidas com uma dobra profunda de azul no topo. Os homens, Dorothy pensou,



tinham quase a mesma idade que o Tio Henry, pois dois deles tinham barbas. Mas a pequena mulher era sem dúvida muito mais velha. Seu rosto estava coberto de rugas, seu cabelo estava quase branco, e ela caminhava de forma um pouco rígida.

Quando essas pessoas se aproximaram da casa onde Dorothy estava parada na porta, elas pararam e cochicharam entre si, como se tivessem medo de se aproximar mais. Mas a pequena senhora idosa caminhou até Dorothy, fez uma reverência profunda e disse, com uma voz doce:

"Seja bem-vinda, nobilíssima Feiticeira, à terra dos Munchkins. Estamos tão gratos a você por ter matado a Bruxa Má do Leste e por libertar nosso povo da escravidão."

Dorothy ouviu esse discurso com espanto. O que a pequena mulher poderia querer dizer ao chamá-la de feiticeira e dizer que ela havia matado a Bruxa Má do Leste? Dorothy era uma menina inocente e inofensiva, que havia sido carregada por um ciclone muitas milhas de casa; e ela nunca havia matado nada em toda a sua vida.

Mas a pequena mulher evidentemente esperava que ela respondesse; então Dorothy disse, com hesitação: "Você é muito gentil, mas deve haver algum engano. Eu não matei nada."

"Sua casa matou, de qualquer forma," respondeu a pequena senhora idosa, com uma risada, "e isso é a mesma coisa. Veja!" ela continuou, apontando para o canto da casa. "Lá estão os dois pés dela, ainda saindo debaixo de um bloco de madeira."

Dorothy olhou e soltou um pequeno grito de susto. Lá, de fato, logo abaixo do canto da grande viga em que a casa repousava, dois pés estavam aparecendo, calçados com sapatos prateados de bicos pontudos.

"Oh, céus! Oh, céus!" gritou Dorothy, juntando as mãos em desespero. "A casa deve ter caído sobre ela. O que devemos fazer?"

"Não há nada a ser feito," disse a pequena mulher calmamente.

"Mas quem era ela?" perguntou Dorothy.

"Ela era a Bruxa Má do Leste, como eu disse," respondeu a pequena mulher. "Ela manteve todos os Munchkins em escravidão por muitos anos, fazendo-os trabalhar para ela dia e noite. Agora eles estão todos livres e são gratos a você pelo favor."

"Quem são os Munchkins?" perguntou Dorothy.

"Eles são as pessoas que vivem nesta terra do Leste onde a Bruxa Má governava."

"Você é uma Munchkin?" perguntou Dorothy.

"Não, mas sou amiga deles, embora eu viva na terra do Norte. Quando eles viram que a Bruxa do Leste estava morta, os Munchkins enviaram um mensageiro veloz para mim, e eu vim imediatamente. Eu sou a Bruxa do Norte."

"Oh, meu Deus!" exclamou Dorothy. "Você é uma bruxa de verdade?"

"Sim, de fato," respondeu a pequena mulher. "Mas eu sou uma bruxa boa, e as pessoas me amam. Não sou tão poderosa quanto a Bruxa Má que governava aqui, ou eu mesma teria libertado o povo."

"Mas eu pensei que todas as bruxas fossem más," disse a menina, que estava meio assustada ao enfrentar uma bruxa de verdade.

"Oh, não, isso é um grande engano. Havia apenas quatro bruxas em toda a Terra de Oz, e duas delas, as que vivem no Norte e no Sul, são bruxas boas. Eu sei que isso é verdade, pois sou uma delas e não posso estar enganada. Aquelas que moravam no Leste e no Oeste eram, de fato, bruxas más; mas agora que você matou uma delas, há apenas uma Bruxa Má em toda a Terra de Oz - a que vive no Oeste."

"Mas," disse Dorothy, após um momento de reflexão, "a Tia Em me disse que todas as bruxas estavam mortas - há muitos e muitos anos."

"Quem é Tia Em?" perguntou a pequena senhora idosa.

"Ela é minha tia que mora no Kansas, de onde eu vim."

A Bruxa do Norte pareceu pensar por um tempo, com a cabeça abaixada e os olhos no chão. Então ela olhou para cima e disse: "Não sei onde fica o Kansas, pois nunca ouvi falar desse país antes. Mas me diga, é um país civilizado?"

"Oh, sim," respondeu Dorothy.

"Então isso explica. Nos países civilizados, acredito que não existam mais bruxas, nem magos, nem feiticeiras, nem mágicos. Mas, veja bem, a Terra de Oz nunca foi civilizada, pois estamos isolados de todo o resto do mundo. Portanto, ainda temos bruxas e magos entre nós."

"Quem são os magos?" perguntou Dorothy.

"O próprio Oz é o Grande Mago," respondeu a Bruxa, baixando a voz para um sussurro. "Ele é mais poderoso

que todos nós juntos. Ele vive na Cidade das Esmeraldas."

Dorothy ia fazer outra pergunta, mas nesse momento os Munchkins, que haviam ficado em silêncio ao lado, deram um grito alto e apontaram para o canto da casa onde a Bruxa Má estava deitada.

"O que é?" perguntou a pequena senhora idosa, e olhou, e começou a rir. Os pés da Bruxa morta haviam desaparecido completamente, e nada restava além dos sapatos prateados.

"Ela era tão velha," explicou a Bruxa do Norte, "que secou rapidamente ao sol. Esse é o fim dela. Mas os sapatos prateados são seus, e você os terá para usar." Ela se abaixou e pegou os sapatos, e depois de sacudir a poeira deles, os entregou a Dorothy.

"A Bruxa do Leste tinha orgulho desses sapatos prateados," disse um dos Munchkins, "e há algum encanto ligado a eles; mas nunca soubemos o que era."

Dorothy levou os sapatos para dentro da casa e os colocou sobre a mesa. Então ela saiu novamente para junto dos Munchkins e disse:

"Estou ansiosa para voltar para minha tia e meu tio, pois tenho certeza de que eles estarão preocupados comigo. Vocês podem me ajudar a encontrar o caminho de volta?"

Os Munchkins e a Bruxa primeiro olharam uns para os outros, e depois para Dorothy, e então balançaram suas cabeças.

"No Leste, não muito longe daqui," disse um, "há um grande deserto, e ninguém poderia sobreviver para atravessá-lo."

"É o mesmo no Sul," disse outro, "pois estive lá e vi. O Sul é o país dos Quadlings."

"Ouvi dizer," disse o terceiro homem, "que é o mesmo no Oeste. E aquele país, onde vivem os Winkies, é governado pela Bruxa Má do Oeste, que faria de você sua escrava se você passasse por lá."

"O Norte é minha casa," disse a velha senhora, "e em sua borda está o mesmo grande deserto que rodeia esta Terra de Oz. Receio, minha querida, que você terá que viver conosco."

Dorothy começou a soluçar com isso, pois se sentia solitária entre todas essas pessoas estranhas. Suas lágrimas pareceram entristecer os Munchkins de bom coração, pois eles imediatamente tiraram seus lenços e começaram a chorar também. Quanto à pequena senhora idosa, ela tirou seu chapéu e equilibrou a ponta no nariz, enquanto contava "Um, dois, três" em uma voz solene. Imediatamente o chapéu se transformou em uma lousa, na qual estava escrito em grandes marcas de giz branco:

**"DEIXE DOROTHY IR PARA A CIDADE DAS  
ESMERALDAS"**

A pequena senhora idosa tirou a lousa do nariz e, tendo lido as palavras nela, perguntou: "Seu nome é Dorothy, minha querida?"

"Sim," respondeu a criança, olhando para cima e enxugando as lágrimas.

"Então você deve ir para a Cidade das Esmeraldas. Talvez Oz possa ajudá-la."

"Onde fica essa cidade?" perguntou Dorothy.



"Fica exatamente no centro do país, e é governada por Oz, o Grande Mago de quem lhe falei."

"Ele é um homem bom?" perguntou a menina ansiosamente.

"Ele é um bom Mago. Se ele é um homem ou não, não posso dizer, pois nunca o vi."

"Como posso chegar lá?" perguntou Dorothy.

"Você deve caminhar. É uma longa jornada, através de um país que às vezes é agradável e às vezes escuro e terrível. No entanto, usarei todas as artes mágicas que conheço para mantê-la longe de perigos."

"Você não vai comigo?" implorou a menina, que começara a ver a pequena senhora idosa como sua única amiga.

"Não, não posso fazer isso," ela respondeu, "mas vou lhe dar meu beijo, e ninguém ousará ferir uma pessoa que foi beijada pela Bruxa do Norte."

Ela se aproximou de Dorothy e a beijou suavemente na testa. Onde seus lábios tocaram a menina, deixaram uma marca redonda e brilhante, como Dorothy descobriu logo depois.

"A estrada para a Cidade das Esmeraldas é pavimentada com tijolos amarelos," disse a Bruxa, "então você não pode perdê-la. Quando chegar a Oz, não tenha medo dele, mas conte sua história e peça-lhe ajuda. Adeus, minha querida."

Os três Munchkins fizeram uma profunda reverência para ela e desejaram-lhe uma viagem agradável, após o que se afastaram caminhando entre as árvores. A Bruxa deu a Dorothy um pequeno aceno amigável, girou três vezes sobre o calcanhar esquerdo e desapareceu

imediatamente, para grande surpresa do pequeno Totó, que latiu alto o suficiente quando ela tinha ido embora, porque ele tinha medo até de rosnar enquanto ela estava por perto. Mas Dorothy, sabendo que ela era uma bruxa, esperava que ela desaparecesse exatamente daquela maneira, e não ficou nem um pouco surpresa.

